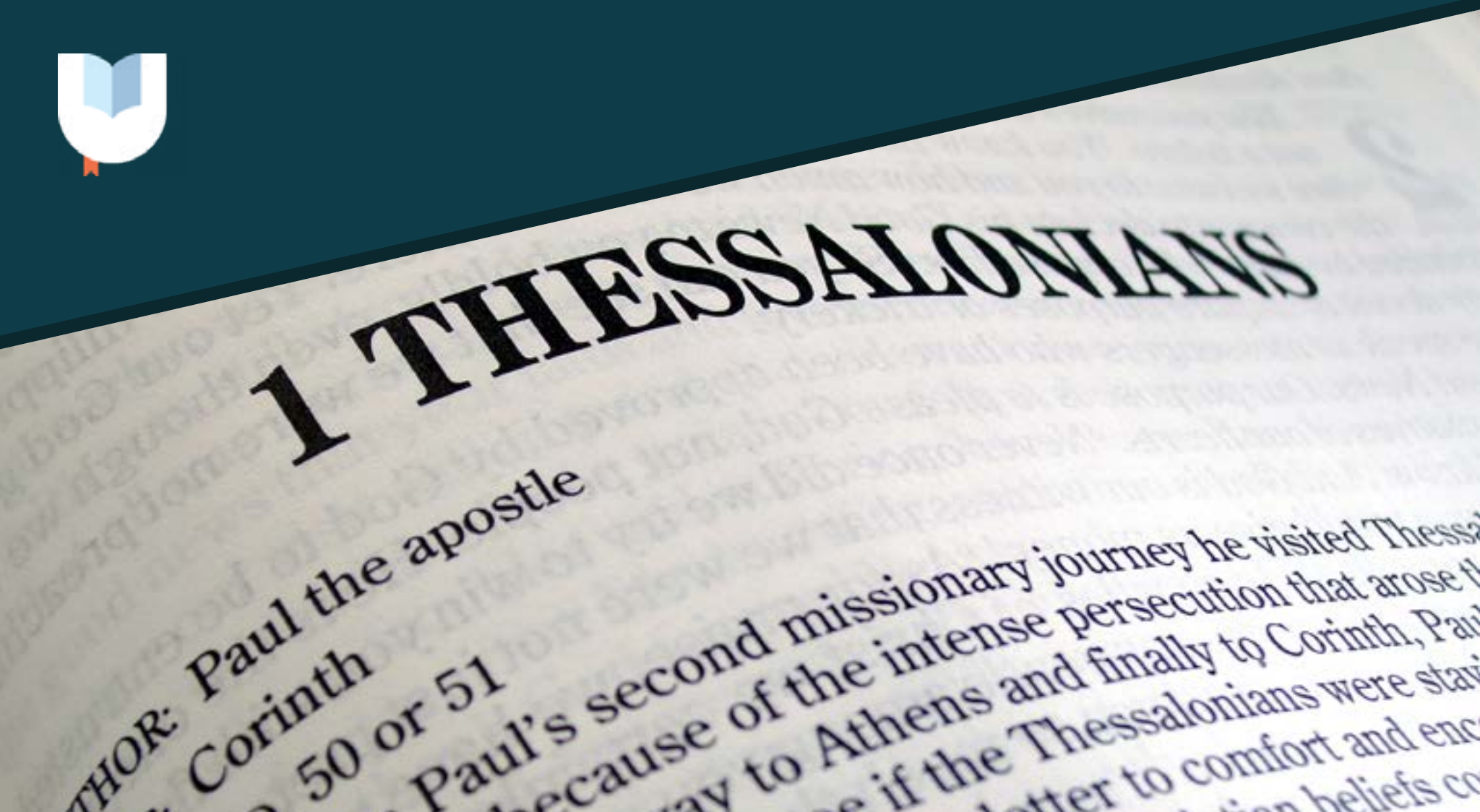


CARTAS MAIORES: CARTAS AOS TESSALONICENSES

Professor:
Me. Flávio Henrique de Oliveira Silva

DIREÇÃO

Reitor Wilson de Matos Silva
Vice-Reitor Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de Administração Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de EAD William Victor Kendrick de Matos Silva
Presidente da Mantenedora Cláudio Ferdinandi

NEAD - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diretoria Executiva Pedagógica Janes Fidelis Tomelin
Diretoria Operacional de Ensino Kátia Coelho
Diretoria de Planejamento de Ensino Fabrício Lazilha
Head de Projetos Educacionais Camilla Barreto Rodrigues Cochia Caetano
Head de Produção de Conteúdos Celso Luiz Braga de Souza Filho
Gerência de Produção de Conteúdos Diogo Ribeiro Garcia
Gerência de Projetos Especiais Daniel Fuverki Hey
Supervisão do Núcleo de Produção de Materiais Nádila de Almeida Toledo

Projeto Gráfico Thayla Guimarães
Designer Educacional Lilian Vespa
Editoração Bruna Stefane Martins Marconato

C397 **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**. Núcleo de Educação a Distância; **SILVA**, Flávio Henrique de.

Cartas Paulinas. Flávio Henrique de Oliveira Silva
Maringá-Pr.: UniCesumar, 2017.
36 p.
"Pós-graduação Universo - EaD".
1. Cartas. 2. Paulinas. 3. EaD. I. Título.

CDD - 22 ed. 200
CIP - NBR 12899 - AACR/2

As imagens utilizadas neste livro foram obtidas a partir do site **shutterstock.com**

NEAD - Núcleo de Educação a Distância
Av. Guedner, 1610, Bloco 4 - Jardim Aclimação - Cep 87050-900
Maringá - Paraná | unicesumar.edu.br | **0800 600 6360**

sumário

01 6| CONTEXTO DAS CARTAS

02 13| FORTALECIMENTO E ENCORAJAMENTO EM MEIO AS PROVAÇÕES – 1 TS 3,1-5

03 19| FÉ E AMOR EM MEIO AS TRIBULAÇÕES – 1 TS 3,6-13

04 24| EXORTAÇÃO À SANTIDADE – 1 TS 4,1-12

CARTAS MAIORES: CARTAS AOS TESSALONICENSES

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- compreender os principais aspectos do contexto que justificam a carta de Paulo aos tessalonicenses;
- analisar a mensagem do apóstolo de encorajamento em meio as provações em 1Ts 3,1-5;
- analisar a mensagem de fé e amor em meio as tribulações, escrita por Paulo em 1Ts 3,6-13;
- analisar a mensagem de exortação à santidade, escrita pelo apóstolo em 1Ts 4,1-12;

PLANO DE ESTUDO

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Contexto das Cartas
- Fortalecimento e encorajamento em meio às provações - 1Ts 3,1-5
- Fé e amor em meio às tribulações – 1Ts 3,6-13
- Exortação à santidade - 1 Ts 4,1-12

INTRODUÇÃO

Uma boa leitura das cartas de Paulo aos tessalonicenses passa, necessariamente, pela compreensão do protagonismo do Império Romano – e também do judaísmo, conforme veremos mais à frente – em suas várias facetas, bem como a reflexão sobre as suas influências e relações nos escritos do apóstolo e em outros textos, bíblicos ou não, da época. O Império Romano, no primeiro século, não é uma instituição neutra. É, pelo contrário, conforme Miguez, "um ator principal, pois constitui a estrutura social básica, "os poderes e principados deste mundo, com os quais a nascente comunidade se confronta" (1990, p. 80). Portanto, antes de tudo, é importante sublinhar alguns detalhes que retratam qual era a identidade do Império e a sua forma de atuação. Esses detalhes, certamente, trarão luz sobre os textos analisados em seguida.

Além da perseguição causada pelo modelo administrativo romano, veremos neste estudo que a perseguição que sobrevinha sobre os cristãos era causada também pelos judeus, aliados do poder romano. Estudiosos defendem, inclusive, que estes eram os primeiros perseguidores. Diante deste ambiente, veremos que a resposta de Paulo resume-se em três perícopes centrais na primeira carta que escreveu aos tessalonicenses: (1) fortalecimento e encorajamento em meio as provações – 1 Ts 3,1-5; (2) fé e amor em meio as tribulações – 1 Ts 3,6-13]; (3) exortação à santidade – 1 Ts 4,1-12]. Força, coragem, fé, amor e santidade. Estes eram os fundamentos para que a comunidade, então, resistisse e continuasse a trilhar um caminho alternativo - um estilo de vida alternativo à luz do evangelho - ainda que isso lhes custasse a própria vida. Esta escolha colocaria a comunidade na mesma rota de seu Senhor: o servo sofredor. Exposta ao sofrimento, portanto, mas reagindo a partir dos paradigmas do evangelho de Jesus Cristo (paradigmas = força, coragem, fé, amor e santidade), encontraria na imitação de seu Senhor (discipulado) sua identidade e significado para sua própria jornada.

CONTEXTO
das Cartas

O desejo incontrolável por expandir seus territórios, aliado ao desejo de dominação e grandiosidade, estiveram presentes em toda a trajetória do Império Romano. Imperadores desta grande potência da época estavam convencidos da força e grandeza do Império, e por isso a sede pelo poder e pela conquista nortearam suas motivações. Os caminhos da colonização romana, no auge do Império, se traduzem por um movimento desumano de normatizações de políticas de exploração e violência generalizada contra os povos subjugados. Eles condenavam os povos dominados e são lembrados na história pela sua capacidade de fazer vítimas. Tácito (***apud*** Reimer, 2006, p. 73-74), historiador romano, faz menção à situação vivida pelos povos dominados e dá um testemunho na perspectiva dos mesmos:

> Mais perigosos do que todos são os romanos. [...] Esses ladrões do mundo, depois de não mais existir nenhum país para ser devastado por eles, revolvem até o próprio mar. [...] Saquear, matar, roubar – isto é o que os romanos falsamente chamam de domínio, e ali onde, através da guerra, criam um deserto, isto eles chamam de paz. [...] As casas são transformadas em ruínas, os jovens são recrutados para a construção de estradas. Mulheres, quando conseguem escapar das mãos dos inimigos, são violentadas por aqueles que se dizem amigos e hóspedes. Bens e propriedades transformam-se em impostos; a colheita anual dos campos torna-se tributo em forma de cereais, sob espancamentos e insultos, nossos corpos e mãos são massacrados na construção de estradas através de florestas e pântanos.

A violação a que se refere o historiador não era apenas um exercício de força física - muito embora, conforme destacou Wengst (1991, p.25), a expansão romana fosse sinônimo de "sangue e cadáveres". Quando se avaliam as circunstâncias pelas lentes da justiça e da igualdade entre semelhantes, facilmente se percebem outras formas de abuso. Por violência entende-se qualquer ação, originada por uma pessoa ou estrutura que, porventura, cause sujeição à liberdade, dignidade ou integridade de uma pessoa ou grupo. Em outros termos, conforme sintetizou Horsley, trata-se do "uso ilegítimo ou não autorizado de poder contra a vontade ou o desejo de outros" (2010, p.19). Esta afirmação está baseada na origem etimológica da própria palavra violência e no entendimento do tema a partir de um sentido básico de valores.

Com os avanços de Roma, a violação do outro – em sua dimensão mais ampla, conforme as definições acima - era facilmente verificada em todas as relações interpessoais e em todas as estruturas que cercavam a vida humana, fossem elas sociais, políticas, econômicas, artísticas, literárias, legislativas, ideológicas e religiosas. É o que alguns estudiosos costumam chamar de violência estrutural.

> A violência estrutural foi construída e inserida na própria estrutura da sociedade e manifesta-se como um poder desigual e, consequentemente, como chances desiguais na vida. [...] Essa compreensão de violência estrutural tem suas raízes naturalmente na atenção para condições históricas concretas. Se pessoas morrem de fome quando isso é claramente evitável, então a violência é cometida, e se essas mortes são o efeito do sistema social e financeiro existente, então temos violência estrutural, ou respectivamente, estruturas violentas (HORSLEY, 2010, p. 21).

Em terras alheias, as elites locais compravam o discurso legitimador dos romanos para suas táticas habituais. Entre as justificativas mais comuns estava o argumento do progresso e o argumento da riqueza através do desenvolvimento da capacidade comercial de cada região. É o que explica Edward Said (***apud*** ELLIOT, 2010, p.71) ao se referir aos modelos imperialistas na antiguidade e a esse tipo de discurso – que sempre esteve presente na pauta dos poderosos. Para ele, "a retórica do poder produz com demasiada facilidade uma ilusão de benevolência". Por outro lado, a história precisa ser contada também pela ótica dos vencidos. No caso de Tessalônica, mais especificamente pela ótica dos trabalhadores que viabilizaram as idealizações dos romanos através do pagamento de altas taxas de impostos e mão de obra escrava. Proporcionando, assim, os meios necessários para a execução dos projetos de desenvolvimento dos conquistadores. Nesse sentido, as perspectivas de Wengst merecem destaque. Para ele, "olhar a partir de cima sobre o brilho de Roma não faz perceber toda a realidade" (1991, p.19). Por isso a necessidade de "inverter a perspectiva numa percepção a partir de baixo, para que a realidade experimentada como sofrimento não seja entregue ao esquecimento através da glorificação e para que os vencedores da história não triunfem novamente sobre suas vítimas".

A aparente benevolência a que se refere Edward Said ganha força graças às condições de Tessalônica. Uma cidade promissora, que se encaixava perfeitamente no discurso imperial de progresso e, por isso, levou os romanos a potencializarem seu interesse pela exploração da mesma. Além de ser uma cidade portuária, parte das estradas mais importantes da região passava por lá. Isso sem contar o solo fértil para mineração e o forte esquema de "cunhagem de moedas", conforme explica Ferreira (1991, p. 10-14). Tudo isso colocava Tessalônica sob o ***status*** de uma cidade próspera e com boas perspectivas de avanço, assim como pregavam os dominadores. Todavia, é preciso enfatizar, como fez Ferreira, que se "por um lado, havia desenvolvimento devido à localização da cidade, por outro, havia a exploração e a especulação, o que favoreceu o aparecimento de classes, onde a desigualdade era gritante (1991, p. 10-14)". Nesse cenário, as pessoas mais vulneráveis da sociedade - a igreja de Tessalônica, ao que tudo indica, era composta por essas pessoas - eram a força motora para que a roda do poder continuasse girando e favorecendo aqueles que se beneficiavam dessa situação.

Entre os principais favorecidos do sistema estavam as elites. Elas se beneficiavam com as condições propícias de Tessalônica e com as políticas de exploração e extorsão dos romanos. Por uma questão de conveniência e pensando em sua própria sobrevivência, sem negar o domínio imperial e seus desdobramentos nocivos, as elites locais conformavam-se a situação, aliando-se aos dominadores. Portanto, essa camada da sociedade deve ser analisada como parte integrante e reprodutora do sistema sócio-político romano.

Como as garantias legais em prol do povo eram cada vez mais insignificantes e ineficientes e havia uma espécie de normatização quanto à negação do direito e da justiça para todos, as elites se favoreciam e consolidavam seus caminhos de exploração. O método utilizado para o seu monopólio se assemelhava ao modelo administrativo romano. Isto é, de forma organizada, além de manipulação ideológica, abusavam da força física explorando a classe trabalhadora e servindo-se da mão de obra escrava. Os benefícios deste grupo podem ser traduzidos pela concentração de recursos e riquezas.

Em contrapartida, as elites estavam a serviço do Império e cabia a elas parte do controle sobre os povos dominados. Entre as táticas de coerção estava o vigilantismo, mecanismo capaz de impor limites comportamentais que visava manter o equilíbrio, a lei e a ordem na sociedade, mesmo que se necessário fosse usasse métodos

violentos. Surgiu para manter o ***status quo*** contra rebeldes, criminosos e pecadores e para reforçar as bases estruturais, além de apoiar as regras instituídas a fim de manter os privilégios e a paz para os detentores do poder e sustentar o fluxo administrativo deliberado pelo Império. Em outras palavras, conforme Malina: "Consiste em atos ou ameaças de coerção na violação dos limites formais de uma ordem sociopolítica instituída com os quais, entretanto, os violadores pretendem defender essa ordem de alguma forma de subversão" (2004, p. 49-60). O autor explica que:

> O vigilantismo quase sempre tinha o respaldo dos reivindicadores da elite para a manutenção do status quo, isso porque era somente a elite que podia prontamente processar os desviantes. [...] O vigilantismo sempre revelará uma orientação conservadora. Ele persegue o fraco, o humilde, o impopular, pessoas menos capazes de resistir ou de retaliar.

Em alguns lugares o vigilantismo era desnecessário, já que não havia resistência e muitos povos conquistados entendiam a dominação como algo, até certo ponto, benéfico. Ou seja, não entendiam a invasão estrangeira como algo negativo e nem se sentiam subjugados. Miguez explica que "a classe fundamental conseguia impor seu domínio como legítimo, ou ao menos como necessário, conveniente ou inevitável, e articular esta concepção dentro da sociedade política sem necessidade de recorrer continuamente à força militar" (1990, p.88).

De que forma, todavia, argumentos, tão claramente contraditórios conseguiam legitimação? Além da imposição militar/armada e da divulgação da ***pax romana***, havia a premissa da "vontade do destino divino", conforme explica Wengst (1991, p.28). Entre os fundamentos deste discurso, conforme Brunt, estava a justificativa de que "o domínio que os romanos exerciam era determinado pelos deuses, cujo favor Roma merecera por causa de sua piedade e justiça, sendo praticado em favor dos interesses de seus súditos" (2004, p.33).

Através desse enunciado, conforme mencionamos na unidade anterior, os romanos tentavam ludibriar os povos conquistados, legitimando suas ações e conquistas com base no desejo dos deuses e no bem que isso poderia gerar, inclusive para os que estavam sendo subjugados. A partir desta tese, não é difícil concluir que, além da imposição, como diz Elliot, "a ideologia do Império romano, não menos que a ideologia imperial contemporânea, estava preocupada com o desafio de ganhar os corações e as mentes dos povos conquistados" (2010, p.63).

Acatar de forma submissa as imposições dos poderosos, portanto, se tornava legítimo uma vez que os deuses estavam ao lado deles. Ou seja, entrava em jogo uma espécie de ideologia religiosa capaz de conduzir os subjugados por um caminho de alienação. Tal discurso se construía segundo os interesses de Roma, que se associava à religião oficial local de cada província, usando-a como instrumento de manipulação.

A religião dos romanos era politeísta e sofria influência de várias crenças gregas. Quanto à religião dos povos conquistados, os romanos se apropriavam de crenças e rituais quando estes lhes serviam para manipulação ideológica - conforme vimos nos parágrafos anteriores. Além disso, havia liberdade de culto e até mesmo respeito desde que,

- (1) de alguma forma, contribuísse com as estratégias do Império;
- (2) não houvesse qualquer movimento deslegitimador do discurso imperial.

O Judaísmo se serviu desta lacuna e, em Tessalônica, chegou a implantar uma sinagoga (cf. At 17,1). Não era uma relação sem interesses. Os judeus que imigraram para a cidade o fizeram, segundo Ferreira, "com a intenção de enriquecerem" (1991, p.10) e, para isso, claro, serviam-se dos meios que lhes interessavam. Ao que tudo indica, logo se estabeleceram na cidade, ocupando posições de destaque e com boas condições econômicas e sociais. Em contrapartida, se conformaram, em vários aspectos, com os valores do Império e denunciavam quem a estes valores não aderisse ou quem os negasse – uma espécie de vigilantismo -, como era o caso dos cristãos.

Em Tessalônica, além do rótulo de subversivos, a posição adotada pelos cristãos, lhes custou um caminho de perseguição, sofrimentos e, em muitos casos, a própria vida. Ao mencionar a perseguição que sofriam os cristãos, Ferreira defende que "os judeus aliados ao poder romano, eram os primeiros perseguidores" (1991, p.19); e que, além disso, "criavam dificuldades aos cristãos na defesa de seus interesses" (1991, p.19). Neste ponto, é preciso lembrar que no mundo antigo não havia separação entre questões sócio-políticas e questões religiosas – posição comumente adotada pela mentalidade ocidental moderna. A fé e as práticas religiosas não estavam alienadas das demais áreas da vida, antes, lançavam luz sobre elas. Saldarini explica que, no Império, "a religião achava-se incrustada na estrutura política e social da comunidade. [...] Assim, o envolvimento com a religião é, em si mesmo, compromisso político e social no sentido amplo de tais termos" (2005, p.17). Esse detalhe nos indica, conforme já mencionei na unidade anterior, que a perseguição que sofriam os cristãos

não era apenas religiosa, conforme nossa compreensão de religião na atualidade, mas sim sócio-política-religiosa.

Para encerrar nossa primeira aula desta unidade, vale citar que a passagem do apóstolo Paulo por Tessalônica (cf. At 17, 1-15), anunciando o Senhorio de Cristo (v.3), é uma amostra dessa realidade de perseguição. Vejamos algumas indicações do texto a respeito da reação dos judeus diante do fato:

- (1) Inflamaram a multidão - segundo alguns estudiosos, trata-se de um grupo utilizado como massa de manobra para os interesses dos detentores do poder e daqueles que se privilegiavam dele - contra Paulo e Silas (v.5 e v.8);
- (2) Acusaram os cristãos de procederem contra os decretos de César, dizendo haver outro rei, Jesus (v.7);
- (3) Recorreram/provocaram as autoridades (composta pelas elites) da cidade (v.8).

saiba mais

Tessalônica era a capital da Macedônia, e aí residia o governador romano. A cidade gozava de autonomia administrativa e tinha seus magistrados próprios. Era centro comercial importante, concentrando grande população e abrigando, como em toda grande cidade, a mistura de culturas e opções religiosas. A colônia judaica devia ser numerosa, visto que possuía até uma sinagoga. A sinagoga era ponto de partida da ação evangelizadora. [...] O que Paulo pregava? [no texto de Atos 17, 1-15] Lucas é muito sucinto: o Messias dos judeus devia morrer e ressuscitar; Jesus é esse Messias. Ora, Messias em grego Cristo, soava como "príncipe" ou "rei", e Senhor, em grego Kyrios, soava como "imperador". [...] Os judeus, certamente, reagem negativamente. [...] Qual o teor da acusação? Transtorno social e subversão política. [...] Em outras palavras, o título Messias-Rei é posto em confronto com a autoridade romana, e a prática cristã é vista como sublevação da ordem social.

Fonte: STORNIOLO (2008, pp.146-147).

FORTALECIMENTO E ENCORAJAMENTO
EM MEIO AS PROVAÇÕES
– 1 TS 3,1-5

Na aula de hoje, e nas duas próximas deste estudo, vamos tentar compreender a mensagem de Paulo aos Tessalonicenses, lendo e comentando alguns textos (todos na primeira carta) que sintetizam os dilemas enfrentados por essa comunidade. Vamos começar pelo texto de 1 Ts 3,1-5 que diz:

> [1] Por isso, não podendo mais esperar, pensamos que o melhor seria ficar sós em Atenas; [2] e vos enviar Timóteo nosso irmão, colaborador de Deus na pregação do Evangelho de Cristo, [3] a fim de vos fortalecer e encorajar na fé, para que ninguém seja abalado em meio às provações presentes, pois bem sabeis que a isso somos destinados. [4] Quando estávamos entre vós, vos prevenía-mos de que seria necessário sofrer provações e foi o que aconteceu, como sabeis. 5 Foi por isso que, não podendo mais esperar, mandei saber notícias da vossa fé, temendo que o Tentador já vos tenha tentado e que nosso trabalho tenha sido inútil.

Para a compreensão da primeira perícope estudada, é necessário voltar a alguns versículos (1 Ts 2, 17-20) em que o apóstolo Paulo demonstra seu desejo em estar com irmãos da comunidade em Tessalônica, mas se diz impedido por Satanás. Satanás é "sinônimo de adversário", é a "personificação do mal" e não se trata de "uma força abstrata". Ferreira esclarece que "concretamente, na carta aos tessalonicenses, o satanás (2,18) e o peirázon (tentador: 3,15) são claramente os 'judeus' e, de modo velado, o 'Império romano' que fazem o mal crescer e alastrar-se, criando uma situação irremediável para os cristãos de Tessalônica" (1991, p.73). O autor explica que, "sejam os judeus (raça política e religiosamente forte), sejam os romanos (o Kyrios não é o Imperador), quem é adversário de Deus é literalmente chamado de satanás. É uma palavra de conotação ideológica muito forte".

Estando, portanto, nessas condições e não podendo mais esperar, conforme inicia o capítulo 3, Paulo envia e recomenda Timóteo. A apresentação de Timóteo e de suas credencias é uma autenticação de que a mensagem será proferida por alguém cujo adjetivo é: um colaborador (que cumpre uma tarefa em nome de) de Deus – "servo de Deus" em alguns manuscritos antigos -, e cujo teor da mensagem é o evangelho de Cristo. Nota-se em outras cartas em que Paulo se refere a Timóteo como sendo seu colaborador (Rm 16,21 p. ex.). Aqui ele vai além: Timóteo é colaborador do próprio Deus, isto é, cumpre sua missão em nome do próprio Deus – missão: pregar o evangelho de Cristo "a fim de vos fortalecer e encorajar na fé, para que ninguém seja abalado em meio às provações presentes".

Vale também mencionar a discussão a respeito da expressão evangelho ("evangelho de Deus", em alguns textos paulinos, "evangelho de Cristo"), pois alguns estudiosos levantam dúvidas gramaticais a seu respeito. Trata-se de um genitivo objetivo ou um genitivo subjetivo? Para Hawthorne (2008, p.520).

- "Se considerada genitivo objetivo, Deus e Cristo são o conteúdo da mensagem evangélica ('o evangelho a respeito de Deus/Cristo')";
- "Se considerada subjetiva, a ênfase está na variação da autoria ou fonte (e.g., 'o evangelho oriundo de Deus/Cristo')".

Parece-me mais coerente com a teologia paulina considerar a expressão como sendo um genitivo objetivo (por meio de). Aplicando ao nosso texto, a referência paulina é de que o evangelho de Cristo seja uma menção à pessoa de Cristo como sendo o próprio conteúdo do evangelho. Em outros termos, a encarnação da própria mensagem. Este detalhe é extremamente significativo. A trajetória de Cristo (nascimento-vida-morte-ressurreição), sendo ele, portanto, o próprio conteúdo do evangelho, diante da realidade que assolava a igreja em Tessalônica, deveria lançar luz à comunidade a respeito:

- (1) Da identidade de Jesus Cristo;
- (2) Das posições que ele assumiu;
- (3) De suas ações-reações frente aos desafios que enfrentou.

É preciso destacar que Paulo, já no início da carta (1 Ts 1,6), afirma que a vocação da comunidade é justamente a imitação. Haviam muitas semelhanças entre o contexto onde viveu e atuou o homem de Nazaré e o contexto da comunidade nascente, uma vez que ambos estavam minados pelo poder imperial romano – e seus aliados: elite imperial e a religião judaica. Isto, portanto, deveria facilitar a correlação entre o modelo de Jesus e a comunidade cristã em Tessalônica, no seu modo de agir.

Nesse sentido, são muitas as questões a serem abordadas, e a maioria delas foge do escopo desta aula. Para exemplificar, vale citar a identificação da comunidade com os sofrimentos de seu Senhor, em nome das opções que assumiu em defesa da vida. Em outras palavras, a comunidade exposta ao sofrimento encontrava no exemplo do servo sofredor um modelo (modelo regulador). Isso, de alguma forma, certamente os animou. É possível avaliar outros exemplos mencionados por Horsley (2004, p. 111-131). Ele apresenta uma séria de ações de Jesus que muito provavelmente serviram de norte para a trajetória das comunidades. Jesus:

- (1) "Atuava no sentido de sanar os efeitos do Império";
- (2) "Atuava no sentido de conclamar o povo à reconstrução da sua vida comunitária";
- (3) "Propôs insistentemente um programa de revolução social para restabelecer relações econômico-sociais igualitárias justas e de apoio mútuo nas comunidades";
- (4) "Lançou uma missão não somente para curar os efeitos debilitantes da violência militar romana e da exploração econômica, mas também para revitalizar e reconstruir o espírito cultural e a vitalidade comunitária do povo".

Outra consideração importante a respeito da expressão "evangelho de Cristo", e de seu possível impacto na comunidade de Tessalônica é o fato de que ***evangelion*** era um termo contraditoriamente tomado pela religião imperial. Havia uma tentativa de relacionar o conceito à identidade-ação do Imperador. Estudiosos, como Brown e Coenen, por exemplo, explicam que "as notícias do nascimento do soberano divino, da sua maioridade, ou sua entronização, bem como dos seus discursos, decretos e atos são boas novas que trazem o cumprimento, há tanto tempo almejado, aos anseios do mundo pela felicidade e a paz" (2000, p. 758-761). Sendo assim, segundo os autores, seria "razoável supor que nas igrejas primitivas, esta terminologia se desenvolvera por analogia com aquela, que se associava com o evangelho do culto ao Imperador, embora esteja em oposição consciente àquele". A atribuição desse substantivo a Cristo seria, portanto, uma indicação do verdadeiro soberano divino, de quem se poderia esperar a verdadeira boa nova, cujos fundamentos são, de fato, amor, fraternidade e paz.

Pois bem, seguindo pelo texto, nota-se que a questão central é o cuidado de Paulo com a comunidade, levando-se em conta que ela estava exposta ao "Tentador" e consequentemente às "provações presentes". Diante de tal possibilidade o intuito do apóstolo ao enviar Timóteo, "colaborador de Deus na pregação do evangelho de Cristo", era "fortalecer" e "encorajar" seus irmãos em Tessalônica, para que permanecessem na fé, ainda que em meio aos sofrimentos.

Por volta do ano 50-51, Paulo, Silvano e Timóteo fundaram a igreja em Tessalônica (cf. At 17). Os cristãos convertidos, que começaram a fazer parte da comunidade em Tessalônica, eram, em grande parte, pertencentes à classe dominada. Nas palavras de Ferreira, "era uma Igreja revolucionária. [...] Surgida dos pobres explorados e oprimidos, que viviam num contexto econômico, social, político e ideológico massacrantes" (1991, p. 11-25). Uma Igreja que nasce através de uma mensagem de esperança e automaticamente se torna sinalizadora de esperança para todos que estão à margem

- Do sistema imperialista romano;
- De uma sociedade injusta e discriminadora;
- De uma religião opressora.

Fiel à sua vocação, essa igreja, nas palavras de Ferreira, "questionava as estruturas de poder da época" (1991, pp.11-25) e assumia uma postura de resistência não-violenta, mas de valores. Por esta razão, conforme o autor, "começava a ser, aos olhos dos dominantes, uma organização de cunho subversivo". Conforme explica Ferreira: "A perseguição aos tessalonicenses aconteceu porque a pequenina Igreja que surgia estava subvertendo o esquema reacionário e opressivo do Império romano". Em contrapartida, para os romanos, permitir qualquer contestação seria relativizar o próprio poder. O Império (e seus aliados), então, fazia questão de tornar evidente sua autoridade, respondendo através de medidas que intensificavam a perseguição.

A resposta de Paulo não é alienante quanto á realidade. Isso fica evidente em duas frases do apóstolo, ao se referir as provações/tribulações (a angústia causada por circunstâncias adversas, como a guerra ou perseguição):

- (v.3) "... bem sabeis que a isso somos destinados...";
- (v.4) "... seria necessário sofrer provações...".

Paulo reconheceu que o sofrimento seria uma experiência inerente aos cristãos, visto que viviam em um mundo hostil aos valores que norteavam suas vidas, e que acompanharia os que com fidelidade seguissem trilhando os passos de seu Senhor. O apóstolo, então, envia Timóteo com o intuito de fortalecê-los (estabilizar para permanecer na mesma direção) e encorajá-los (consolar, fortalecer, exortar, instruir, ensinar, confortar) a permanecerem na fé.

Não se trata apenas de ajudá-los a manter suas convicções (teorias, crenças e discursos), mas principalmente de encorajá-los a permanecerem fiéis em suas aflições. Entre os estudiosos existem os que defendem que o sentido mais adequado para a palavra fé seria "lealdade" ou ainda "resistência". Essa hipótese de tradução parece bem razoável, levando-se em consideração que o contexto em que estavam inseridos os destinatários da carta exigia exatamente isso. Na próxima aula, na sequência do texto, veremos as reações da comunidade diante do quadro até aqui descrito.

saiba mais

Fortalecer e Exortar

O trabalho dos três evangelistas não era só o de ajudar a comunidade a nascer na fé, mas também de sustentá-la firmemente para se tornar madura. A maturidade é "testada" nas provas. Aqui, no caso, a ekklesia tem sofrido duras adversidades. Corria o risco de ser esmagada pelas forças repressoras de Tessalônica ou do império romano. No perigo para a fé engajada desta comunidade perseguida, aparece a "Palavra" que fortifica e exorta. É Timóteo, o colaborador de Deus, o portador. Ele é enviado a Tessalônica para ajudar os novos cristãos a serem fortes nas "tribulações" (thlipsis) por causa do evangelho. Esta palavra "thlipsis", que é utilizada nas cartas paulinas mais que em todo o Novo Testamento, é a força cristã de vida. [...] A thlipsis (tribulação, perseguição) aconteceu porque o sistema opressivo do império estava sendo subvertido.

Fonte: FERREIRA (1991, p.30).

FÉ E AMOR

EM MEIO AS TRIBULAÇÕES

– 1 TS 3,6-13

> 6 Agora, Timóteo acaba de chegar da vossa comunidade e nos trazer a boa
> notícia da vossa fé e do vosso amor; ele diz que guardais sempre boa lem-
> brança de nós e que desejais nos rever tanto quanto nós desejamos vos rever.
> 7 Assim, irmãos, encontramos em vós um consolo, graças à vossa fé, no meio
> de todas as nossas angústias e provações, 8 e agora revivemos, pois vos man-
> tendes firmes no Senhor. 9 Que ação de graças poderíamos render a Deus
> a vosso respeito, por toda a alegria que experimentamos por causa de vós
> diante do nosso Deus, 10 quando noite e dia rogamos com insistência, para
> que nos seja dado rever-vos e completar o que falta à vossa fé? 11 Queira o
> mesmo Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus dirigir nosso caminho para vós.
> 12 Que o Senhor faça crescer e abundar o amor que tendes uns para com os
> outros e para com todos, à imagem de nosso amor para convosco. 13 Que
> ele fortaleça assim vossos corações numa santidade irrepreensível diante de
> Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus com todos os
> seus santos.

Nota-se no texto que a reação da comunidade diante das adversidades é a fé. Paulo celebra as boas notícias que recebe de Timóteo em seu retorno, constatando que, "apesar de privações e tribulação", os alicerces da fé estavam nos seus devidos lugares, ainda que houvesse deficiências (v.10). Fé, como vimos anteriormente, é sinônimo de resistência e lealdade. Lealdade ao verdadeiro Senhor e, consequentemente, à sua proposta de vida que lhes fora anunciada e que lhes servia como paradigma para a construção de sua própria caminhada. Manter-se fiel exigia perseverança-resistência em reação às hostilidades a que estavam sujeitos. A fé da comunidade nascente imediatamente mostrou seus efeitos ao animar o apóstolo em sua jornada. "Nós fomos encorajados/consolados por você através de sua fé" (v.7). Isto é, a notícia da fé e fidelidade dos tessalonicenses, apesar das adversidades, encorajou Paulo em sua própria experiência de angústia e aflição.

Indivisíveis, a fé e a esperança estavam presentes no discurso paulino, ainda que não apareçam literalmente no texto – fé, esperança e amor fazem parte de uma tríade bem conhecida nos escritos de Paulo; é inclusive mencionada na própria carta aos tessalonicenses (1,3). A mensagem cristã de fé e seu modo de propor uma nova vida, através de uma comunidade de iguais e responsáveis uns pelos outros, gerava no coração do povo a esperança de um modelo alternativo de vida.

A assimilação da fé como resposta a situação da sócio-política-religiosa da comunidade ganhou ainda mais vigor graças à tônica apocalíptica, compreendida pelas lentes de uma mensagem de esperança. Alguns estudiosos, como Hawthorne, por exemplo, defendem que "o estudo sociológico de grupos concentrados na escatologia enfatiza que uma nova experiência de privação relativa, originada de mudanças nas estruturas e nos padrões de relações da sociedade, em geral, está por trás desse tipo de interesse escatológico" (2008, p. 1193). Essa ideia está em harmonia com a realidade em Tessalônica e, portanto, "o anúncio paulino do evangelho oferecia exatamente essa fé escatológica". Para Ferreira, "a literatura apocalíptica foi escrita como expressão de uma consciência crítica intensa. Diante do poderio dos impérios da terra, os apocalípticos, como muita fé e compromisso, apresentavam alternativas de sobrevivência para resistir à violência" (1991, p.93). Ferreira entende que,

> com os baixos salários, a fome aumentando e a falta de recursos dos proletários urbanos, o anúncio do cristianismo, especialmente do apocalipticismo, se torna fácil de ser assimilado. [...] O evangelho apocalíptico passava a ser uma esperança para as massas exploradas. [...] Uma legião de trabalhadores e marginalizados, pela primeira vez, em séculos, começou a sentir que a novidade do evangelho era endereçada a eles. A apatia deu lugar a esperança (FERREIRA, 1991, p. 19-25).

De fato, a orientação escatológica-apocalíptica é inegável na literatura paulina – embora, na atualidade, seu significado sofra uma série de distorções e reducionismo. Para ilustrar, verifica-se em nossa perícope o uso da expressão "vinda de nosso Senhor Jesus" (v.13). Uma expressão carregada de significado político e que, por isso, descarta a tentativa de algumas correntes teológicas em minimizar aspectos centrais deste gênero literário. Vejamos outros termos nas palavras de Stroher, que explica que Paulo, "toma termos políticos usados oficialmente e os ressignifica teologicamente; reafirmando que parusia, como paz e segurança é direcionada a Cristo, não às ordens imperiais" (2007, pg. 63).

- Parusia (vinda, chegada): "relacionada à vinda ou à visita de personagem ilustre, do rei ou de um dirigente, e na linguagem da corte refere-se à chegada de César".
- Kyrios (Senhor): "usado de forma ampla para o senhor da casa (oikos), na parte oriental do Mediterrâneo, no entanto, refere-se aos imperadores romanos".

Em outros textos (cartas) o tom escatológico-apocalíptico aparece como resposta ao sofrimento e visivelmente conclamam à esperança:

- (1) "Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada" (Rm 8,18);
- (2) "Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles (2 Cor, 4,17).

É bem provável que essa dimensão escatológica-apocalíptica da fé, conforme entende Hawthorne, "fosse grande o bastante para motivar acusações de subversão política" (2008, p. 1193), uma vez que, além da ressignificação de termos políticos, fomentava temas como o da justiça, por exemplo. A dimensão da justiça era semeada através do discurso de uma intervenção de Deus no mundo, na construção de um sistema justo em oposição à injustiça intrínseca ao sistema instituído e aos seus desdobramentos de poder violento. É importante salientar que um dos fundamentos desse discurso era o de que essa ação divina já havia irrompido na história: o Deus justo liberta dos poderes opressores e de falsos deuses, e forma uma nova comunidade à luz dos termos da justiça, segundo seus próprios desígnios - amor, igualdade, solidariedade, serviço e fraternidade.

Uma das marcas essenciais da fé – de uma fé viva/substancial - é o amor. O amor, nas palavras de Hawthorne, "representa a fortificação ética da justiça. [...] Desse modo, há uma correlação necessária entre a fé em Cristo e o amor pelos outros" (2008, p.68). Nota-se no texto que é exatamente o amor o outro caminho encontrado pela comunidade, em reação a perseguição e as tribulações a que estavam vulneráveis – "Timóteo acaba de chegar da vossa comunidade e nos trouxe a boa notícia da vossa fé e do vosso amor" (v.6). Paulo já havia reconhecido que o amor fazia parte da comunidade em Tessalônica (1: 3). Agora, além de reconhecer o amor como resposta ao ambiente desfavorável, intercede para que o amor de uns para com os outros possa "crescer" e "abundar" (v.12). É interessante notar no texto que a oração do apóstolo é para que o amor não seja restrito à própria comunidade cristã, mas para que a comunidade tenha também uma disposição caridosa e a devida preocupação com o bem-estar de todos.

A palavra "amor" (ágape) mencionada pelo apóstolo no texto, indica caridade a partir de uma iniciativa (ação) nem sempre subordinada ao que se sente – conforme tende-se a pensar na atualidade. Paulo, portanto, não estava fazendo referência

a categorias subjetivas/abstratas. Pelo contrário, referia-se a um conteúdo concreto, visível e com ações verificáveis na história. A compreensão mais adequada para o termo era de um movimento que reagia a opressão, convidando as pessoas a assumirem um novo compromisso umas com as outras para a construção de um ambiente comunitário baseado no cuidado mútuo. Nesse sentido, a prática do amor foi se tornando um testemunho de resistência não armada, visto em ações de solidariedade. Em outros termos, o amor que movia a comunidade se traduzia em experiências de partilha despertando muitos a compartilharem seus recursos uns com os outros.

Se o Império Romano e seus aliados articulavam um ambiente opressor, responsável pela multiplicação de vítimas, a comunidade que nascia, tendo como paradigma fundamental a própria vida de seu Senhor, ainda que ameaçada, respondia com expressões de amor, à luz das instruções que receberá. Para, Stroher, isso significava "viver em paz uns com os outros, consolar os desanimados, amparar os fracos, ser generosa com todas as pessoas, não retribuir mal por mal" (2007, p.61).

Pois bem, a temática do amor segue pela perícope seguinte e vamos observá-la na próxima aula, na qual outras observações nos ajudarão a compreender melhor sua relevância para o contexto em que estavam inseridos os cristãos de Tessalônica.

saiba mais

A relação dos missionários com os tessalonicenses retoma força. Timóteo foi em missão a fim de averiguar, animar e confortar a Igreja perseguida. Ele retorna trazendo alegres notícias sobre a fé e a prática perseverante da comunidade. A carta agora é expressão do entusiasmo, usando até o verbo "evangelizo" (pregar o Evangelho) – palavra do Novo Testamento, reservada para anunciar a boa-nova de salvação – expressando a união dos remetentes com os tessalonicenses e vice-versa. [...] Num segundo momento, os missionários pedem crescimento e riqueza no amor aos tessalonicenses. O Senhor pode aumentar este amor, o qual Timóteo testemunhou, de modo que esta agápe (amor) seja não só um laço que os une em uma fraternidade comum, mas também com todos os homens. Se existem falhas na comunidade (3,10), é no amor que ela deve superar as dificuldades. O amor é, primeiramente, fraterno (4,9). Isto gera na comunidade comunhão, unidade, capacidade de organização e resistência contra o mal.
Fonte: FERREIRA (1991, p. 77-79).

EXORTAÇÃO À SANTIDADE

– 1 TS 4,1-12

> [1] Do resto, irmãos, eis nossos pedidos e nossas exortações no Senhor Jesus:
> vós aprendestes de nós como proceder para agradar a Deus, e é assim que
> procedeis; fazei ainda novos progressos. [2] Sabeis, de fato, as instruções que
> vos demos da parte do Senhor Jesus. [3] A vontade de Deus é a vossa santifica-
> ção, que vos abstenhais da imoralidade, [4] que cada um de vós saiba casar-se
> para viver com santidade e honestidade, [5] sem se deixar levar pela paixão,
> como fazem os pagãos que não conhecem a Deus; [6] que ninguém prejudi-
> que seu irmão, nem lhe cause dano nesta matéria, pois o Senhor se vinga
> de tudo isso, como já dissemos e testemunhamos. [7] De fato, Deus não nos
> chamou para viver na impureza, mas nos chamou para a santidade. [8] Assim,
> pois, aquele que rejeita esses ensinamentos não é um homem que rejeita,
> mas o próprio Deus que vos dá o seu Espírito Santo. [9] Sobre o amor fraternal,
> não tende necessidade de que se vos escreva, pois vós mesmos aprendes-
> tes de Deus a vos amardes uns aos outros; [10] aliás, é o que fazeis, a respeito
> de todos os irmãos, na Macedônia inteira; nós vos exortamos, irmãos, a que
> façais ainda novos progressos: [11] tomai a peito viver uma vida tranquila, ocu-
> par-vos com vossos negócios e trabalhar com vossas próprias mãos, como
> ordenamos, [12] para que vossa conduta seja decorosa aos olhos dos estranhos
> e não tenhais precisão de ninguém.

O texto acima, a terceira perícope analisada, indica alguns caminhos e reforça outros para um estilo de vida alternativo e de resistência. Para Boring, um estilo de vida "resumido como santidade e amor" (2015, p. 357). Ao longo das reflexões até aqui propostas, ficou evidente que a comunidade cristã em Tessalônica nasceu em um ambiente hostil (composto por instituições de poder injustas e por relações desumanas) diametralmente oposto àquilo que estava sendo desafiada a construir, tendo como paradigma o modelo de vida de seu Senhor.

Na construção de seu argumento, o apóstolo menciona a vontade de Deus, e esta como sendo a santificação da comunidade (v.3). A partir daí, associa o conceito de santificação com algumas relações comunitárias, que serviriam como testemunho e identificariam a comunidade cristã como um movimento singular, distinto de qualquer grupo naquele contexto. Boring reforça a tese da relação intrínseca entre santidade e vida comunitária – contrapondo várias escolas de interpretação que desassociam uma coisa da outra, tratando o tema como uma questão privada. Ele explica que "como é o caso da ética bíblica em geral, a ética de Paulo é explicada como fazendo a vontade de Deus. Quanto a Jesus, bem como quanto a Paulo, o viver

correto é uma questão de responsabilidade para com Deus e cuidado para com os outros" (2015, p. 357). Esse também é o argumento de Ferreira. Para o autor: "a santidade acontece quando os homens e mulheres se inter-relacionam numa linha de respeito, convivência e transformação, para um mundo novo, sendo conduzidos pelo Espírito da vida" (1991, p.86).

No texto, a primeira relação a ser revisitada, à luz de uma vida "santa", é a relação conjugal – "que cada um de vós saiba casar-se" (v.4). Ao que tudo indica, esta exortação é reflexo da desigualdade entre homem e mulher naqueles dias. As mulheres, no contexto imperial do primeiro século, sofriam toda espécie de discriminação e abuso e buscavam sobrevivência em um mundo marcado pelo modelo patriarcal hierarquizado, onde a subordinação da mulher ao homem era uma realidade construída através da ideia de que esses eram seres superiores. Na relação conjugal, o homem estava amparado pela lei, a ponto de repudiar a sua mulher, isto é, deixá-la à margem em condições indignas, sem qualquer prova que a desqualificasse. Para Ferreira, o discurso exortativo de Paulo, pela santificação nas relações matrimoniais, denunciava que "a violação dos direitos matrimoniais é injustiça que pede a Deus vingança" (1991, p.84). O autor lembra que "a palavra vingador é atribuída nos salmos sempre ao Deus que toma partido dos oprimidos (Sl 99,8 e 94,1) contra os opressores (ímpio) para fazer justiça". Ele entende que no contexto da comunidade em Tessalônica, o uso do termo "é semelhante ao dos salmos"; e que, portanto, ninguém "pode ser violado ou desrespeitado".

Seguindo pelo texto, o ponto seguinte ressaltado por Paulo é a relação entre irmãos: "que ninguém prejudique seu irmão, nem lhe cause dano nesta matéria" (v.6). Aqui o apóstolo, segundo Ferreira, está "condenando energicamente a apropriação dos bens materiais alheios, ou seja, a ganância, a ambição ou ganho" (1991, p. 84-85). Ao que tudo indica, "isto era típico da vida comercial do Império romano e, aqui, no caso de Tessalônica. Este tipo de vida leva ao individualismo egoísta, destruidor de qualquer possibilidade de organização comunitária".

É preciso destacar o uso da palavra "irmão" no texto. Sigo com Ferreira, que explica que "é na ótica do irmão, da vida comunitária, que os cristãos precisam agir e viver" (1991, p. 84-85), levando-se em conta que no Império Romano as relações estavam marcadas por hierarquias, traduzidas por toda sorte de violação do mais forte contra o mais fraco. Trilhar caminhos de santidade significava a reconsideração do outro, olhando-o como igual. Para o autor:

> Em todos os ângulos da vida, em qualquer situação adversa ou não, os cristãos têm que mudar o modo de ver as coisas. Sua visão é bem diferente da visão do Império romano e das religiões que faziam o seu jogo. Os cristãos têm diante de si o Ressuscitado que os anima, e têm uma tarefa importante pela qual lutar: o empenho por um mundo de irmãos (FERREIRA, 1991, p. 84-85).

Por fim, na sequência do texto, reaparece a temática do amor. O que não é de se estranhar já que, para estudiosos como Hawthorne, por exemplo, "todo conceito paulino de vida santa é dominado pelo amor" (2008, p.67). Santidade e amor andam de mãos dadas, o que torna inadequada a ideia de uma vida santa que seja solitária, fria, desumana e alienada das vivências do amor. O texto bíblico diz:

> Sobre o amor fraternal, não tende necessidade de que se vos escreva, pois vós mesmos aprendestes de Deus a vos amardes uns aos outros; aliás, é o que fazeis, a respeito de todos os irmãos, na Macedônia inteira; nós vos exortamos, irmãos, a que façais ainda novos progressos (1Ts 4, 9-10).

Note que ainda que o apóstolo julgue desnecessário aprofundar-se na questão, uma vez que o amor já era uma realidade na comunidade, ele reafirma a necessidade de progressos. Entretanto, o que enxergou Paulo a ponto de reconhecer a realidade do amor fraterno na vida da comunidade? Bem, na perícope anterior vimos que o amor foi uma das respostas/reações dadas pela comunidade ao sistema imperial romano e suas práticas de desamor. Para Ferreira, sem amor fraterno não existe comunidade, daí sua afirmação: "é da vida de amor fraterno que surge a Igreja. É a grande experiência de solidariedade, de unidade. Ninguém vive isolado, porque existe comunidade" (1991, p. 86-88). Além disso, é o sinal visível que identifica e legitima o pressuposto de ser uma "comunidade cristã", em razão de ser o "amor fraterno o que concretiza a adesão da comunidade a Jesus Cristo".

Além de testemunhar estes sinais na vida da comunidade, o apóstolo presenciou o cuidado e o compromisso da mesma com os mais vulneráveis, àqueles (as) a quem estavam aprendendo a chamar de "próximo". Theissen (2009, p. 99) lembra que o conceito de amor ao próximo já se encontrava no Antigo Testamento (prescrito na lei de santidade – Lv 19). O autor entende que esse amor liga-se a um "etos-de-misericórdia oriental comum, que vale para fracos, as viúvas e os órfãos, portanto, para

pessoas que possuem condições ou marginais". Schillebeeckx (2008, p. 242) reforça a tese de Theissen de que o "próximo" se referia ao compatriota pobre ou mais humilde, o socialmente mais fraco, o menor que precisa de proteção.

A comunidade de Tessalônica compreendia e experimentava essa dinâmica e, por isso, tornou-se um ambiente de resistência, esperança e paz. Uma paz, claro, em oposição à ilusão da ***pax romana***. Paz, segundo Bingemer (2001, p.68), conforme a dinâmica da paz neotestamentária, isto é, "inseparável da dinâmica do amor".

saiba mais

A comunidade de Tessalônica foi chamada a "viver de maneira digna de Deus, que os chama ao seu reino e à sua glória". É o "andar" e o "agradar" a Deus. [...] Andara para agradar a Deus, significa dirigir-se sob o olhar de Deus, para um alvo certo (o próprio Deus). O "agradar a Deus" completa esta imagem, sugerindo que os cristãos tessalonicenses, em todo o seu agir, precisam procurar a face de Deus. Os tessalonicenses receberam "instruções", ou seja, as orientações ou as diretrizes, para a sua vida comunitária "em nome do Senhor Jesus". [...] A base para a vida comunitária é a santificação dos tessalonicenses. Já no Antigo Testamento, em Lv 11,44s, Deus disse: "... Vocês serão santos porque eu sou santo". É exatamente esta a vontade de Deus". Deus sendo santo, partilha sua santidade com os membros do seu povo. Isto que aconteceu no Antigo Testamento, acontece agora com os cristãos. A santificação vem de Deus (5,23), de Cristo (3,13), é ação do Espírito Santo (4,8). Nessa comunhão, é tarefa da ekklesia (4,7) ser santa. É a santidade que fará a comunidade cristã ser diferente dos outros grupos da época (4,5.12; 5,6).

Fonte: FERREIRA (1991, p.82).

atividades de estudo

1. Sobre o Império romano, é correto afirmar que

   a) A inclinação expansionista e o desejo pelo domínio e magnitude certamente estiveram presentes em toda a história do Império romano.
   b) Convencido de sua força e aptidão à grandeza, brotava no coração do Império o anseio pelo poder e pela conquista, centro de suas motivações e ambições.
   c) Os caminhos da colonização romana, no auge do Império, se traduzem por um movimento desumano de normatizações de políticas de exploração e violência generalizada contra os povos subjugados.
   d) Eles condenavam os povos dominados e são lembrados na história pela sua capacidade de fazer vítimas.
   e) Todas as alternativas estão corretas

2. Sobre a comunidade em Tessalônica, é correto afirmar que

   a) Diferente da maioria das comunidades com as quais Paulo se comunicou, não foi fundando pelo apóstolo, mas por Silvano e Timóteo.
   b) Os cristãos convertidos, que começaram a fazer parte daquela comunidade eram, em grande parte, pertencentes a elite de Tessalônica.
   c) Era uma comunidade revolucionária, surgida dos pobres explorados e oprimidos, que viviam num contexto econômico, social, político e ideológico massacrantes.
   d) Era uma comunidade apática e pessimista, sem qualquer esperança. Sendo assim, também não sinaliza a esperança para os que estavam a sua volta.
   e) Todas as alternativas estão corretas

atividades de estudo

3. Segundo nossos estudos nos textos da primeira Carta aos Tessalonicenses, santidade e amor andam de mãos dadas, o que torna inadequada a ideia de uma vida santa que seja solitária, fria, desumana e alienada das vivências do amor.

   [ ] Verdadeiro
   [ ] Falso

4. À luz de nossos estudos podemos afirmar que a comunidade de Tessalônica tornou-se um ambiente de paz graças ao modelo de pacificação da pax romana.

   [ ] Verdadeiro

   [ ] Falso

resumo

Neste estudo, vimos que a comunidade cristã em Tessalônica passava por um momento delicado, de grande tribulação, por conta da perseguição que estavam sofrendo do Império Romano e, principalmente, do judaísmo. O texto bíblico de At 17, 1-15 é uma boa amostra para essa realidade. Conforme vimos, os judeus acusavam os cristãos de subversivos e inflamavam a ira dos romanos para que estes também se voltassem, ainda mais, contra os cristãos. No texto que acabamos de mencionar, a estratégia dos judeus, em resposta ao anúncio de Jesus Cristo feito por Paulo em Tessalônica, pode ser notada em três partes: (1) Inflamaram a multidão contra Paulo e Silas (v.5 e v.8); (2) Acusaram os cristãos de procederem contra os decretos de César, dizendo haver outro rei, Jesus (v.7); (3) Recorreram/provocaram as autoridades (composta pelas elites) da cidade (v.8).

A reação dos judeus contra Paulo foi uma amostra daquilo que a comunidade estava experimentando. Diante deste quadro, vimos que o intuito do apóstolo ao enviar Timóteo, "colaborador de Deus na pregação do evangelho de Cristo", era "fortalecer" e "encorajar" seus irmãos em Tessalônica, para que permanecessem na fé, ainda que em meio aos sofrimentos. A resposta de Paulo, todavia, não era alienante quanto à realidade. Isso fica evidente em duas frases do apóstolo, ao se referir as provações/tribulações: (1) v.3 - "... bem sabeis que a isso somos destinados..."; (2) v.4 - "... seria necessário sofrer provações...". Conforme afirmamos antes, nota-se no texto bíblico que o reconhecimento do apóstolo de que o sofrimento seria uma experiência própria aos cristãos, visto que viviam em um mundo hostil aos valores que norteavam suas vidas, e que acompanharia os que com fidelidade seguissem trilhando os passos de seu Senhor. Para tanto, sugere o apóstolo, era necessário, conforme vimos desde a introdução deste estudo, força, coragem, fé, amor e santidade.

material complementar



Primeira Epístola aos Tessalonicenses: a Igreja surge como esperança dos oprimidos.
Autor: Joel Antônio Ferreira
Editora: Vozes

Sinopse: Este é um comentário latino-americano do Proto-Isaías. Nasceu de uma leitura nova da Bíblia feita pelo próprio povo cristão. Um grupo de biblistas católicos e protestantes, sem abdicar de uma leitura cientificamente embasada, perguntou pelo lugar-problema daqueles que acessam estes textos na atualidade. Estas questões, sem dúvida, lançaram luz sobre aqueles que trabalharam na análise, comentário e interpretação dos textos bíblicos, conforme o resultado apresentado em cada livro da coleção. Apresentam, assim, um comentário sobretudo prático-pastoral.

referências

BINGEMER, Maria C. L. (org.). **Violência e religião:** Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

BORING, Eugene. Questões Introdutórias do Novo Testamento e Escritos Paulinos. In: BORING, Eugene. **Introdução ao Novo Testamento:** história, literatura, teologia. v. 1. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUNT, P. A. Laus imperii. In: HORSLEY, R. A. (org.). **Paulo e o império:** religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004, p. 33-42.

ELLIOT, Neil. **A arrogância das nações:** a Carta aos Romanos à sombra do Império. São Paulo: Paulus, 2010.

FERREIRA, Joel Antônio. **Primeira Epístola aos Tessalonicenses:** a Igreja surge como esperança dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1991.

HAWTHORNE, Gerald et al. (orgs.). **Dicionário de Paulo e suas Cartas. São Paulo:** Vida Nova, Paulus, Loyola, 2008.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e a espiral da violência:** resistência judaica popular na Palestina romana. São Paulo: Paulus, 2010.

MALINA, Bruce. **O Evangelho Social de Jesus:** o reino de Deus em perspectiva mediterrânea. São Paulo: Paulus, 2004.

referências

MIGUEZ, Néstor. **Perdoa-nos as nossas dívidas:** O Império e os pobres no tempo neotestamentário. RIBLA, n. 5-6, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 80-92.

REIMER, Ivoni Richter. **Economia no mundo bíblico:** Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

SALDARINI, Anthony. **Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinense.** São Paulo: Paulinas, 2005.

SCHILLEBEECKX, **Edward. Jesus, a história de um vivente.** São Paulo: Paulus, 2008.

STORNIOLO, Ivo. **Como ler Os Atos dos Apóstolos:** o Caminho do evangelho. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

STROHER, Marga. **Cuidado com os que proclamam paz e segurança in Escatologia:** morte e vida na Bíblia. Estudos Bíblicos, nº 93, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 59-64.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos:** uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.

WENGST, Klaus. **Pax Romana:** pretensão e realidade. São Paulo: Paulinas, 1991.

resolução de exercícios

1. e) Todas as alternativas estão corretas
2. c) Era uma comunidade revolucionária, surgida dos pobres explorados e oprimidos, que viviam num contexto econômico, social, político e ideológico massacrantes.
3. [ ] Verdadeiro
4. [ ] Falso